

A cor e o traço do talento

Edição de 21/10/2008



Casa das Onze Janelas acolhe até dia 30 de novembro mostra que reúne trabalhos do artista plástico Flavio-Shiró

'A arte tem que transcender na qualidade'. Esse o sentido perseguido pelo artista visual japonês Flavio-Shiró, 80, em seus trabalhos em 65 anos de uma carreira que cruza

horizontes a cada mostra, como a que está ocupando a Casa das Onze Janelas, no biarro da Cidade Velha, desde ontem. A exposição 'Flavio-Shiró: Trajetória de Tomé-Açu para o Mundo', organizada pelo Museu Casa das Onze Janelas e o Instituto Tomie Ohtake, chega a Belém em um momento especial: é a primeira exposição individual de Shiró na capital paraense, justamente no ano do centenário da imigração japonesa ao Brasil e logo depois de Flavio ter completado 80 anos, em agosto passado. Além disso, ele comemora 65 anos de atividades artísticas.

Na mostra, o público pode conferir toda a sensibilidade desse artista em fotografias e quadros em técnicas diferenciadas, num total de 50 obras. 'Como toda criança, eu gostava de rabiscar, mas aos quatro anos, em Tomé-Açu, eu comecei mesmo a pintar. Então, essa exposição, agora, é uma espécie de volta do filho pródigo, porque é uma retrospectiva do meu trabalho e em Belém'. Shiró ressalta o significado dessa mostra para ele e para o próprio público, observando ser a primeira exposição individual em tanto tempo de atividade - ele participou do Arte Pará com um quadro. 'Poder expor meus trabalhos em Belém, no Pará, nos 100 anos da imigração japonesa, é algo muito significativo para mim'.

Bem-humorado e consciente do que faz na arte e na arte de viver, Flavio-Shiró lembra ter ficado honrado quando o príncipe Naruhito, do Japão, ao se encontrar com ele, em São Paulo, mencionou o município de Tomé-Açu, a segunda terra de Flavio, nascido em Shapporo, na ilha de Hokaido. 'Nessa retrospectiva, tem umas fotos experimentais e de Paris que eu fiz e umas de Tomé-Açu feitas por Elza Lima. E 50 quadros, em pintura a óleo, técnica mista, gravura, desenho, pastel ...'. Para alguns especialistas, a obra de Shiró é expressionista, mas ele próprio concorda com o curador Paulo Herkenhoff de em alguns trabalhos está presente o sentido antropofágico. 'O Brasil é um país com todo um clima do Macunaíma, do Mário de Andrade', ressalta.

A necessidade visceral de pintar de Flavio-Shiró expressa-se em trabalhos densos que revelam o

que vai fundo na alma do artista e do próprio público. 'A arte não tem definição. É difícil falar da arte. Eu só penso que ela deve transcender a qualidade, ou seja, não é qualquer trabalho que pode ser considerado arte'. No caso da mostra 'Flavio-Shiró: Trajetória de Tomé-Açu para o Mundo' a afirmação é verdadeira -- a mostra reúne parte da exposição montada no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, 250 obras, entre fotos, quadros e objetos escultóricos. De Belém, as peças seguirão uma mostra no Centro Cultural dos Correios no Rio de Janeiro.

A exposição de Flavio-Shiró em Belém foi organizada por Paulo Herkenhoff. A abertura da exposição acontece nesta segunda-feira, dia 20, às 19h30, na Sala Valdir Sarubbi, e contará com a presença do artista que permanece na cidade até o dia 23, quando termina de executar uma pintura em preto e branco que será doada ao Museu Casa das Onze Janelas. Shiró é considerado um dos mais eruditos pintores brasileiros do século 20, e percorreu o mundo. Nessa peregrinação, o artista visual recolheu elementos para imprimir personalidade ao seu trabalho, abordando relações entre arte, vida, invenção e memória, através de um imaginário peculiar. Na obra de Shiró estão presentes o Japão natal, a infância no Pará, entre 1932 e 1939, a vida entre São Paulo e Rio de Janeiro e a atuação internacional a partir da mudança para a França em 1953. Tudo compondo um painel de vivências a ser descoberto pelos espectadores, em um universo de texturas e pinturas pinceladas, desenhos e fotografias.

A profundidade do relacionamento dos seres humanos com o meio ambiente em qualquer lugar do mundo, mas, em particular, na Amazônia, está presente na obra desse artista. Graças a seu olhar da infância vivida em Tomé-Açu, berço da colônia japonesa no Estado e uma das maiores do Brasil, Flávio-Shiró consegue dar um tom vibrante para tudo o que consegue captar da realidade amazônica e transcender em pintura. 'Se eu não tivesse tido minha infância no Pará, será que eu teria feito aquela pintura? O conjunto que foi premiado na 2ª Bienal de Paris em 1961 incluía quadros lembrando igarapés e pescas noturnas, como Alto Xingu, no qual André Malraux percebeu uma descida da cruz. Eram inspirados naquele momento de minha infância. Praticamente abri meus olhos para o mundo em Tomé-Açu', afirma Shiró.

Os trabalhos desse artista são formatados pela memória e sonhos de quem, por exemplo, ouvia da mãe histórias sombrias relacionadas ao Japão, para aliviar as tensões do dia, antes de dormir. A caligrafia ideogramática e a pintura sumi praticadas por seus pais constituem a base gráfica de seu olhar. Ele cenografia, experimentou a colagem e inventou técnicas de gravura (cenografia) e recorreu aos meios tradicionais. É um fotógrafo sofisticado, com uma obra experimental singular (auto-retratos com aparelhos óticos ou no ateliê, Flashgrafias e Luminografias) e documental. Em Belém, Flavio-Shiró executará uma pintura em preto e branco que será doada ao Museu Casa das Onze Janelas.

Flavio-Shiró: Trajetória de Tomé-Açu para o Mundo

Paulo Herkenhoff
Curador

(Trechos do texto de Apresentação)

O Instituto Tomie Ohtake organizou a antologia da obra de Flavio-Shiró, que é sua primeira exposição do artista no Pará, no Museu Casa das Onze Janelas. Trata-se de um dos mais eruditos pintores brasileiros do século XX e paradigma da validade da pintura no mundo contemporâneo. Sua consistente experiência singular sintetiza relações entre arte, vida, invenção e memória, através de um imaginário e da ação pictórica que envolve três dimensões de sua vivência: o Japão natal, a infância no Pará (1932-1939), a vida entre São Paulo e o Rio de Janeiro e a atuação internacional a partir da mudança para a França em 1953. Com Goeldi, Ismael Nery e Cildo Meireles, Flavio-Shiró também viveu uma infância amazônica no Pará. A organização da mostra 'Flavio-Shiró: Trajetória de Tomé-Açu para o Mundo' foi feita especialmente para o Pará, diferindo das exposições no Rio e São Paulo igualmente comemorativas de seus 80º aniversário e 65 anos de carreira.

O artista nasceu em Sapporo (Hokkaido) em 1928. Seu pai, Massami Tanaka emigra para o Brasil com a família como dentista da colônia de Tomé-Açu. Ele era pintor e calígrafo, estimulando os filhos a escreverem poesia. Massami Tanaka escreveu algumas memórias da vida em Tomé-Açu. Em 1939, sua família se muda para São Paulo. Em 1942, o pintor Higaki presenteou a Flavio-Shiró com uma caixa de pintura. Era o início de sua atividade de pintor. O galinheiro de sua casa na rua Conselheiro Furtado foi o primeiro ateliê do adolescente. A mãe, Ai Iwane Tanaka, que se dedicava à música, emprestava o peixe do almoço como modelo para as naturezas-mortas do filho. Até hoje, Flavio-Shiró prepara o peixe em sua casa, pois das vísceras, extrai a 'beleza convulsa' de sua obra. O peixe é alimento muito presente no cotidiano dos habitantes da Amazônia e da dieta japonesa. De início, o jovem Shiró registra a paisagem física e humana de São Paulo. Entra em contato com pintores do Grupo Santa Helena. O cotidiano da cidade dominou sua agenda: a feira, futebol (Pacaembu), bairros e fábricas. Flavio-Shiró mantinha as tradições japonesas na casa e teve um breve contato em 1952 com o grupo SEIBI (a associação de artistas nipônicos), pois queria integrar seu olhar com o Brasil para além das fronteiras da colônia. Flavio-Shiró mudou-se para o Rio em 1948, onde trabalha na molduraria de Kaminagai em Santa Teresa (Retrato de companheiro de trabalho e Ladeira de Santa Teresa). Sua arte ganha novo fôlego na redução da forma, cor, estrutura, pincelada e liberdade. Foi premiado no Salão Nacional em 1949. Inicialmente, ele se assinava Flavio Tanaka, mudando para Flavio-Shiró diante do incômodo de se ver confundido com um pintor homônimo.

Em Paris, seu círculo francês inclui Kaminagai, que tivera uma temporada no Pará, Foujita, Sugai, Matta, Christo, Hamaguchi, Alécio de Andrade; os críticos europeus Georges Boudaille, José Augusto França, Gerald Gassiot-Talabot, Edouard Jaguer e André Laude; e personalidades brasileiras exiladas como Josué de Castro e Mário Pedrosa. Em 1954 conhece sua mulher Béatrice, cenógrafa e ilustradora, sua grande companheira de rota. Entre o final de 1959 e início de 1960, o casal retorna a Tomé-Açu para agradecer o apoio ao jovem pintor no início da sua carreira. Em 1991, visita Belém, onde expõe no 10º. Arte Pará.

Serviço

Mostra 'Flavio-Shiró Trajetória de Tomé-Açu ao Mundo', numa realização do Instituto Tomie Ohtake e o Museu Casa das Onze Janelas, com apoio cultural da Secult e do Grupo Y.Yamada S/A, com patrocínio da TBE – Transmissoras Brasileiras de Energia. A exposição vai até o dia 30 de novembro e o agendamento das visitas guiadas pode ser feito pelo telefone: 4009-8845.